

ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS

Cap Cav GUILHERME HORN

O EMPREGO DO PELOTÃO DE EXPLORADORES, ORGÂNICO DE UMA FORÇA-TAREFA BLINDADA DO EXÉRCITO BRASILEIRO, COMO MEIO DE OBTENÇÃO DE DADOS SOBRE O INIMIGO EM UMA OPERAÇÃO DE DEFESA MÓVEL

Rio de Janeiro

2022

Cap Cav GUILHERME HORN

O EMPREGO DO PELOTÃO DE EXPLORADORES, ORGÂNICO DE UMA FORÇA-TAREFA BLINDADA DO EXÉRCITO BRASILEIRO, COMO MEIO DE OBTENÇÃO DE DADOS SOBRE O INIMIGO EM UMA OPERAÇÃO DE DEFESA MÓVEL

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais como requisito parcial para a obtenção do grau especialização em Ciências Militares.

Orientador: Maj Cav MIGUEL DE SOUZA CHARBEL

Rio de Janeiro

2022

Ficha catalográfica elaborada pelo Bibliotecário Francisco José de Paula Junior
CRB7/6686

H8131

Horn, Guilherme.

O emprego do pelotão de exploradores, orgânico de uma força tarefa blindada do Exército Brasileiro, como meio de obtenção de dados sobre o inimigo em uma operação de defesa móvel / Guilherme Horn – 2022.

48 f. il.

Trabalho de Conclusão de Curso – Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Rio de Janeiro, 2022.

Orientação: Maj. Miguel de Souza Charbel

1. Exploradores. 2. Defesa móvel. 3. Inimigo. I Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. II Título.

CDD: 355



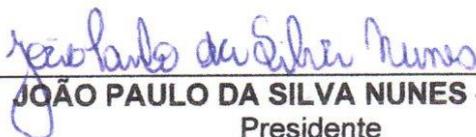
**MINISTÉRIO DA DEFESA
EXÉRCITO BRASILEIRO
ESCOLA DE APERFEIÇOAMENTO DE OFICIAIS
(EsAO/1919)**

DIVISÃO DE ENSINO E PESQUISA/ CURSO DE CAVALARIA

Ao Cap CAV GUILHERME HORN

O Presidente da Comissão de Avaliação do TCC, cujo título é O EMPREGO DO PELOTÃO DE EXPLORADORES, ORGÂNICO DE UMA FORÇA- TAREFA BLINDADA DO EXÉRCITO BRASILEIRO, COMO MEIO DE OBTENÇÃO DE DADOS SOBRE O INIMIGO EM UMA OPERAÇÃO DE DEFESA MÓVEL, informa à Vossa Senhoria o seguinte resultado da deliberação: **APROVADO** com o conceito **EXCELENTE**.

Rio de Janeiro, 20, de Setembro, de 2022



JOÃO PAULO DA SILVA NUNES – Ten Cel
Presidente



MIGUEL DE SOUZA CHARBEL - Maj
1º Membro



JOÃO HENRIQUE ALVES SOARES - Cap
2º Membro

CIENTE:



GUILHERME HORN – Cap
Postulante

AGRADECIMENTOS

A Deus, Senhor de toda a existência, guia dos meus passos e salvaguarda dos meus entes queridos.

À minha esposa Thayane, cujo amor, afeto e apoio incondicional, deram-me forças para continuar caminhando rumo ao objetivo.

Aos meus companheiros capitães alunos do CAO 2022, pela amizade, pela fraterna convivência e pelo apoio prestado direta ou indiretamente na realização deste trabalho.

RESUMO

O objetivo desta pesquisa consistiu em analisar a atuação do Pelotão de Exploradores orgânico de uma Força-Tarefa Blindada do Exército Brasileiro, como meio de obtenção de dados sobre o inimigo durante uma operação de defesa móvel. Buscou-se analisar as capacidades e limitações desta tropa nesta forma de manobra defensiva, a fim de realizar uma análise doutrinária, hoje em vigor no Exército Brasileiro, com o intuito de certificar se a aplicabilidade, a organização, a instrução e os meios de emprego militar disponíveis desta tropa são suficientes para auxiliar o comando enquadrante durante o processo decisório. Bem como, realizou-se uma breve comparação com os pelotões de exploradores de nações amigas, evidenciando sugestões de emprego para aplicação na doutrina brasileira. Por fim, inferiu-se que há necessidade de atualização nas literaturas existentes e nas diversas instruções ministradas nos corpos de tropa, além da inserção de novas tecnologias na constituição desta fração. A produção deste artigo, de cunho exploratório, se baseou na pesquisa de manuais de campanha do Exército Brasileiro, manuais estrangeiros, artigos científicos, livros e arquivos da internet.

Palavras-chave: Pelotão de Exploradores. Operações Defensivas. Defesa Móvel. Inimigo.

ABSTRACT

The objective of this research was to analyze the performance of the organic Scout Platoon of an Armored Task Force of the Brazilian Army, as a means of obtaining data about the enemy during a mobile defense operation. We sought to analyze the capabilities and limitations of this troop in this form of defensive maneuver, in order to carry out a doctrinal analysis, currently in force in the Brazilian Army, in order to certify whether the applicability, organization, instruction and means of employment available from this troop are sufficient to assist the framing command during the decision-making process. As well, a brief comparison was made with the platoons of explorers from friendly nations, showing employment suggestions for application in the Brazilian doctrine. Finally, it was inferred that there is a need to update the existing literature and the various instructions given in the troop corps, in addition to the insertion of new technologies in the constitution of this fraction. The production of this exploratory article was based on the research of Brazilian Army field manuals, foreign manuals, scientific articles, books and internet archives.

Keywords: Scout Platoon. Defensive Operations. Mobile Defense. Enemy.

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - QUADRO ORGANIZACIONAL DE UMA U BLD.....	15
FIGURA 2 - QUADRO ORGANIZACIONAL DE UM PELOTÃO DE EXPLORADORES.....	16
FIGURA 3 - VIATURA MILITAR AM 11 RECONHECIMENTO.....	17
FIGURA 4 - QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DE TEMPO DESTINADO À INSTRUÇÃO PECULIAR DE EXPLORADOR.....	20
FIGURA 5 - INSTRUÇÕES EXPLORADOR E A PATRULHA.....	20
FIGURA 6 - INSTRUÇÕES EXPLORADOR E A PATRULHA.....	21
FIGURA 7 - EXTRATO INSTRUÇÕES DE MANEABILIDADE/EXPLORADORES...	21
FIGURA 8 - INSTRUÇÕES DE OBSERVAÇÃO.....	22
FIGURA 9 - INSTRUÇÕES DE RECONHECIMENTO E SEGURANÇA.....	23
FIGURA 10 - DEFESA MÓVEL.....	24
FIGURA 11 - COMPOSIÇÃO DO “HMMWV SCOUT PLATOON”.....	29
FIGURA 12 - ORGANIZAÇÃO DA SECCION EXPLORACION.....	31

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 PROBLEMA.....	11
1.1.1 Antecedentes do Problema.....	11
1.1.2 Formulação do Problema.....	12
1.2 OBJETIVOS.....	12
1.2.1 Objetivo Geral.....	12
1.2.2 Objetivos Específicos.....	13
1.3 QUESTÕES DE ESTUDO OU HIPÓTESE.....	13
1.4 JUSTIFICATIVA.....	14
2. REVISÃO DA LITERATURA	15
2.1 O PELOTÃO DE EXPLORADORES ORGÂNICO DAS FORÇAS – TAREFAS BLINDADAS DO EXÉRCITO BRASILEIRO.....	15
2.2 AS INSTRUÇÕES DE QUALIFICAÇÃO PREVISTAS PARA O PELOTÃO DE EXPLORADORES.....	19
2.3 A FORÇA-TAREFA UNIDADE BLINDADA NAS OP DEF MV.....	23
2.4 OS PELOTÕES DE EXPLORADORES DE NAÇÕES AMIGAS.....	28
3. METODOLOGIA	34
3.1 OBJETO FORMAL DE ESTUDO.....	34
3.2 DELINEAMENTO DA PESQUISA.....	34
3.3 PROCEDIMENTOS PARA REVISÃO DA LITERATURA	35
3.4 INSTRUMENTOS.....	36
3.5 ANÁLISE DE DADOS.....	36
4. RESULTADOS	37
5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	41
6. CONCLUSÃO	44
REFERÊNCIAS	46

1. INTRODUÇÃO

As constantes atualizações de dados sobre o terreno e, principalmente, sobre inimigo durante as ações ofensivas e defensivas são de vital importância para o sucesso no processo decisório do Comandante de Unidade/Brigada. Pois, no atual ambiente operacional, detém superioridade no combate aquele que absorve as informações de maneira mais rápida e precisa, conseguindo assim decidir com mais exatidão no decorrer dos conflitos. Portanto, o decisor necessita ser constantemente alimentado de informações melhorando sua consciência situacional.

No que tange a obtenção de dados sobre o inimigo, vale ressaltar a relevância sobre o assunto quando observamos que diversos pensadores militares, e estrategistas de distintas épocas da história mundial o citavam como um conhecimento necessário para o êxito no combate. Como é o caso de Sun Tzu (500 a.C), que proferiu a seguinte citação:

Se você conhece o inimigo e conhece a si mesmo, não precisa temer o resultado de cem batalhas. Se você se conhece mas não conhece o inimigo, para cada vitória ganha sofrerá também uma derrota. Se você não conhece nem o inimigo nem a si mesmo, perderá todas as batalhas (Sun Tzu).

Outros exemplos históricos nesta mesma linha são evidenciados no livro Inteligência na Guerra. Conhecimento do inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda, de John Keegan (2006), que apresenta um panorama geral da inteligência militar na antiguidade afirmando que desde os tempos mais remotos, os líderes militares sempre procuraram obter informações sobre o inimigo, seus pontos fortes e suas debilidades, suas intenções e sua organização bélica. Um dos exemplos citados faz referência ao imperador romano Cezar que elaborara um sistema de inteligência tática altamente desenvolvido, usando unidades de batedores de alcance curto e médio para fazer reconhecimento até trinta quilômetros adiante do corpo principal em marcha, a fim de espionar o território e a disposição militar do inimigo.

[...] César não foi o inventor do sistema romano de inteligência, resultado de centenas de anos de experiência militar. A prova disso já tinha sido fornecida no tempo das guerras na Gália (século I a.C.), pela existência de numerosos termos que distinguiam as diferentes categorias de tropas de reconhecimento: 'procuratores', que

realizavam reconhecimento próximo, imediatamente à frente do exército; ‘exploradores, batedores de longo alcance; e ‘speculadores’ que faziam espionagem nas profundezas do território adversário (BRASIL, 2006, p. 27).

Atualmente, a busca de dados sobre o inimigo está inserida no Exame de Situação de Inteligência realizado pelo Comandante e seu Estado-Maior durante o planejamento tático, no qual aplica-se o Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis (PITCIC), que após seu considerável aperfeiçoamento e atualização, foi incorporado à Doutrina do Exército Brasileiro.

O PITCIC é um processo cíclico e contínuo em que as prováveis linhas de ação do inimigo são estabelecidas e analisadas durante a fase de planejamento e devem ser constantemente atualizadas durante a execução das operações. Dos produtos deste processo serão extraídos os calcos e matrizes de eventos, que, por sua vez, serão usados de base para o estabelecimento dos Elementos Essenciais de Inteligência (EEI) e para orientar o esforço de busca de dados durante as operações.

Nas operações defensivas, que se caracterizam por serem operações terrestres realizadas sob condições adversas, com inferioridade de meios ou limitada liberdade de ação, em que se procura utilizar integralmente o terreno e as capacidades disponíveis para impedir, resisitir ou destruir um ataque inimigo, infringindo-lhe o máximo de desgaste e desorganização, buscando criar condições favoráveis para a retomada da ofensiva, a inteligência deve oferecer suporte para identificar os objetivos inimigos e suas possíveis abordagens, vulnerabilidades e capacidades para realizar contra-ataques. (BRASIL, 2017b, 4-1).

Uma das formas de manobra tática das operações defensivas é a Defesa Móvel, que emprega a combinação de ações defensivas e ofensivas que visam a destruição das forças inimigas. Para atingir sua finalidade, parte dos meios opera retardando o inimigo e parte opera como defesa de área, sendo que, outra tropa tem a missão de retrair, atraindo o inimigo para uma situação que favoreça o desencadeamento de um ataque de destruição. Diante dessa concepção, o menor escalão apto a realizar uma defesa móvel é a Divisão de Exército (DE), por possuir meios compatíveis para compor todas as forças necessárias a essa forma de manobra.

Sendo assim, uma Brigada Blindada (Bda Bld) inserida neste contexto, prioritariamente, participa das ações dinâmicas de defesa, devido a sua ação de

choque, mobilidade, potência de fogo e proteção blindada. Os elementos de manobra orgânicos das Bda Bld são os Regimentos de Carros de Combate (RCC) e Batalhões de Infantaria Blindados (BIB), que são empregados constituindo Forças-Tarefas, visando obter os efeitos desejados da utilização do binômio carro-fuzileiro.

Como integrante de uma Bda Bld empregada em uma Defesa Móvel, a FT U Bld pode receber como missões: cobrir o retraimento dos elementos em primeiro escalão; ocupar posições de bloqueio para apoiar contra-ataques (C Atq) da força de choque; ou, participar da realização de C Atq. Portanto, pode integrar ou constituir nesse tipo de defesa a força de segurança (F Seg) do escalão superior, a força de fixação (F Fix) da área de defesa avançada ou a força de choque (F Chq).

Pautado nestas premissas e com as novas imposições do combate moderno junto com a imperativa necessidade de atualizar os conceitos doutrinários, surgiu a necessidade de averiguar a aplicabilidade de um Pelotão de Exploradores (Pel Exp), orgânico de uma Força-Tarefa Blindada (FT Bld) atuando como F Choq durante uma Operação de Defesa Móvel.

1.1 PROBLEMA

1.1.1 Antecedentes do Problema

Ao aprofundar o estudo sobre as operações defensivas, em particular sobre a Defesa Móvel (Def Mv), FT U Bld, normalmente atua como F Chq, sendo essa a responsável por realizar o C Atq, de acordo com o manual EB 70-MC-10.355 Forças-Tarefas Blindadas.

Ainda de acordo com este manual, a ação do inimigo raramente permite à FT U Bld (Reserva/ F Chq) executar seu ataque exatamente como planejado, por isso o Comandante da FT U Bld deve estar pronto para modificar rapidamente qualquer plano de C Atq, baseando-se na evolução dos acontecimentos e na conduta do inimigo.

Com isso, cresce de importância a atuação do Pelotão de Explorados neste tipo de Operação. Pois, na doutrina brasileira, os Pelotões de Exploradores (Pel Exp) que integram as FT U Bld são as tropas mais vocacionadas para o levantamento de dados sobre o inimigo e por identificar as atualizações necessárias ao processo decisório do comandante tático durante o combate convencional.

No entanto, as fontes de consulta nacionais analisadas até o presente momento não apresentam as peculiaridades, possibilidades e limitações a cerca do emprego do Pelotão de Exploradores neste tipo de operação e forma de manobra específica.

1.1.2 Formulação do Problema

Diante dessa conjuntura, visando preencher as lacunas no conhecimento, bem como aprofundar as abordagens sobre o tema, formulamos o seguinte problema de pesquisa: “Quais são as possibilidades de emprego, as capacidades e limitações dos Pelotões de Exploradores orgânicos das Forças-Tarefas Blindadas Exército Brasileiro, durante uma defesa móvel, para atualizar os dados sobre o inimigo e desta forma aumentar a consciência situacional do comandante da FT Bld?”

1.2 OBJETIVOS

Visando descrever a finalidade principal da investigação e o caminho lógico a ser percorrido para solucionar o problema, os seguintes objetivos foram formulados.

1.2.1 Objetivo Geral

A presente pesquisa tem por finalidade analisar quais as possibilidades e limitações do Pelotão de Exploradores de uma FT Bld na atualização de dados sobre o inimigo durante uma defesa móvel.

1.2.2 Objetivos Específicos

Para alcançar o objetivo geral, os seguintes objetivos específicos foram traçados:

- a. Explicar sobre a organização e o material dos Pelotões de Exploradores orgânicos das Unidades Blindadas do Exército Brasileiro (EB), bem como, identificar suas capacidades e limitações.
- b. Apresentar as instruções previstas no Programa Padrão de Qualificação de Cavalaria as quais os integrantes do Pelotão de Exploradores são submetidos.
- c. Enunciar os conceitos de defesa móvel e as necessidades a serem levantadas durante o planejamento e execução dessa forma de Operação defensiva com ênfase na Função de Combate Inteligência.
- d. Apresentar exemplos de constituição e empregabilidade de frações de nações amigas semelhantes aos pelotões de exploradores de tropas blindadas brasileiras.
- e. Concluir a respeito da forma de emprego do Pelotão de Exploradores em uma Operação de Defesa Móvel e sua aplicabilidade durante a obtenção de dados sobre o Inimigo. Bem como, formular as alterações necessárias a serem implementadas na literatura nacional existente sobre o assunto, para que não se perca a expertise do planejamento desta fração na operação acima descrita.

1.3 Questões de Estudo

- a) Qual a composição atual e quais são os materiais orgânico disponível dos Pelotões de Exploradores das Unidades Blindadas do EB? Quais são as capacidades e principais limitações do Pelotão de Exploradores?
- b) Que instruções estão previstas para os elementos pertencentes ao Pelotão de Exploradores?
- c) Qual conceito de defesa móvel e quais necessidades de informações são

imprescindíveis para o planejamento e execução dessa forma de operação?

- d) Como são constituídas as frações de nações amigas que se assemelham aos pelotões de exploradores de tropas blindadas brasileiras e quais são as características dessas frações na obtenção de dados sobre o inimigo?
- e) A doutrina de emprego vigente dos pelotões de exploradores nas operações de Defesa Móvel é compatível? Há necessidade de atualização dos manuais?

1.4 JUSTIFICATIVA

A relevância e atualidade desta pesquisa para o EB tornam-se notórias ao analisarmos a importância da obtenção e constante atualização de dados sobre o inimigo durante as operações defensivas, a fim de contribuir decisivamente nas tomadas de decisão do Comandante.

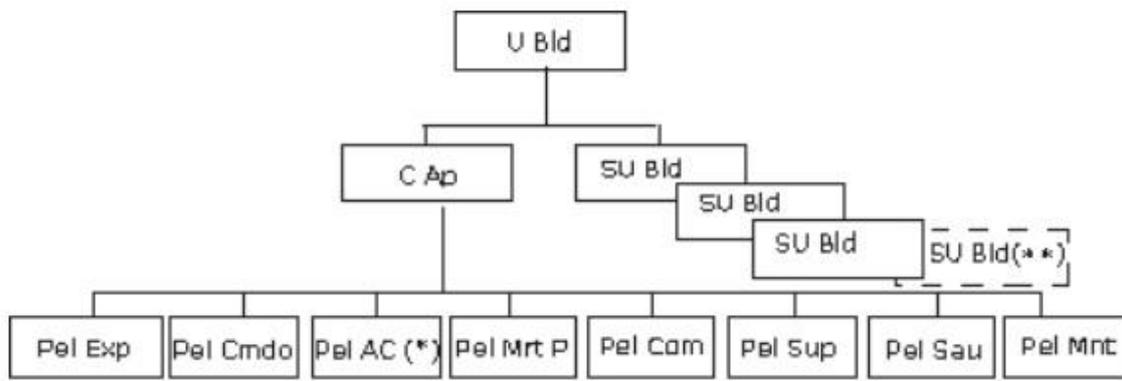
Essa pesquisa se propõe a identificar perspectivas que demandem atualizações e adequações à bibliografia existente na Doutrina Militar Terrestre no que se refere a atuação das FT U Blindadas e, em uma perspectiva mais abrangente, a pesquisa se propõe a especificar o emprego dos Pelotões de Exploradores em operações de Defesa Móvel.

Tudo com a finalidade de aperfeiçoar a doutrina militar nacional referente a Inteligência militar, o emprego das Brigadas Blindadas inseridas no Plano Estratégico do Exército (PEEx) para o quadriênio 2020-2023, dando prosseguimento ao processo de transformação do Exército rumo à Era do Conhecimento.

2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 O PELOTÃO DE EXPLORADORES ORGÂNICO DAS FORÇAS-TAREFAS BLINDADAS DO EXÉRCITO BRASILEIRO

Quanto ao organograma, os pelotões de exploradores orgânicos das diversas Unidades Blindadas do Exército Brasileiro não possuem diferenças entre si.



(*) Sec AC nos RCC e RCB

(**) No RCB, nos BIB das Bda C Bld e nos RCC das Bda Inf Bld

Figura 1 – Quadro Organizacional de uma U Bld
Fonte: BRASIL (2002).

Segundo o Caderno de Instrução CI 17-1/1, o Pel Exp é subordinado à Subunidade de Comando e Apoio e para efeito de operações receberá missões diretamente do Oficial de Operações (S-3), do Oficial de Inteligência (S-2) ou, ainda do Oficial de Logística sempre em consonância com a diretriz de emprego do comandante da unidade ou da força-tarefa (BRASIL, 2002, p. 1-1).

O pelotão possui, na sua constituição, 01 (um) Grupo de Comando e 02 (dois) grupos de exploradores (G Exp). Podendo, em alguns casos, ser constituído por mais 01 (um) grupo de exploradores.

Ainda de acordo com o Caderno de Instrução CI 17-1/1 PELOTÃO DE EXPLORADORES, o pelotão deve possuir em seus grupos os materiais e equipamentos descritos abaixo:

	VIATURA	PESSOAL	ARMAMENTO COLETIVO E EQUIPAMENTO
G P C M D O		1º Ten Cmt Pel	GPS, Eqp Rádio veicular nível SU e Pel, Rádio portátil nível Pel e Grupo. Telêmetro laser, binóculo de visão noturna, detetor de minas portátil, L Roj AT-4, Mtr 7,62mm, mira laser.
		Cb Aux (Atd L Roj)	
		Sd Exp / Mot	
		Sd Atd	
		2º Sgt Adj Pel	GPS, Eqp Rádio veicular nível SU e Pel, Rádio portátil nível Pel e Grupo. Detetor de minas portátil, L Roj AT-4, Mtr 7,62mm, mira laser.
		Cb Aux (At L Roj)	
		Sd Exp / Mot	
		Sd Atd	
1º G R U P O E X P		3º Sgt Cmt GE	GPS, Eqp Rádio veicular nível Pel, Rádio portátil nível Pel e Grupo, binóculo de visão noturna, detetor de mina portátil, L Roj AT-4, Mtr 7,62mm, luneta de Fz para tiro noturno, mira laser.
		Sd Exp (Atd L Roj)	
		Sd Exp / Mot	
		Sd Atd	
		Cb Aux	GPS, Rádio veicular nível Pel, L Roj AT-4, Mtr 7,62mm, mira laser.
		Sd Exp (Atd L Roj)	
		Sd Exp / Mot	
		Sd Atd	
2º G R U P O E X P		3º Sgt Cmt GE	GPS, Eqp Rádio veicular nível Pel, Rádio portátil nível Pel e Grupo, binóculo de visão noturna, detetor de mina portátil, L Roj AT-4, Mtr 7,62mm, luneta de Fz para tiro noturno, mira laser.
		Sd Exp (Atd L Roj)	
		Sd Exp / Mot	
		Sd Atd	
		Cb Aux	GPS, Rádio veicular nível Pel, L Roj AT-4, Mtr 7,62mm, mira laser.
		Sd Exp (Atd L Roj)	
		Sd Exp / Mot	
		Sd Atd	

Figura 2 – Quadro Organizacional de um Pel Exp - U Bld

* Nos RCC e RCB, cada viatura será acrescida de um Sd Exp e um Sd Exp/R Op, perfazendo o total de 36 homens no Pel.

Fonte: BRASIL (2002, p 1-2/1-3).

Atualmente as frações de exploradores fazem uso da Viatura Tática Leve Marruá AM-11 Rec (VTL AM-11), da Agrale, empresa brasileira com origem em 1962. Essa viatura proporciona praticamente o mínimo necessário para a fração: mobilidade,

agilidade, suporte de armamentos coletivos, entre outras possibilidades. Porém, algumas de suas vulnerabilidades são a blindagem e a vedação e proteção contra poeira e agentes químicos, biológicos, radioativos e nucleares (QBRN).



Figura 3 - VIATURA MILITAR AM11 RECONHECIMENTO

Fonte: <https://www.agrale.com.br/pt/utilitarios-defesa-e-seguranca/viatura-militaram11-reconhecimento-2>

Além das possibilidades e limitações descritas acima em relação à Viatura empregada pelo Pelotão, o Caderno de Instrução CI 17-1/1 PELOTÃO DE EXPLORADORES, expõe que o Pel Exp tem como possibilidade, levando-se sempre em conta a influência dos fatores da decisão (missão, inimigo, terreno, meios e tempo), o cumprimento das seguintes missões:

- a) reconhecer 01 (um) eixo, em situação normal, ou até 02 (dois) eixos, excepcionalmente;
- b) reconhecer uma zona de até 2 Km de frente;
- c) realizar escolta de um comboio de pequenas dimensões (10 a 25 viaturas);
- d) vigiar uma frente de até 3 (três) Km;
- e) estabelecer e manter até 04 (quatro) pontos de ligação;
- f) mobiliar e operar até 03 (três) Postos de Observação (PO);
- g) solicitar e ajustar missões de tiro para elementos de apoio de fogo;
- h) realizar patrulhas;
- i) realizar a segurança de instalações de pequeno vulto; e
- j) controlar o trânsito em um eixo.

O Caderno de Instrução CI 17-1/1 também ressalta que, face ao tipo de instrução e aos módulos de adestramento cumpridos pelo Pel Exp, a possibilidade de emprego

como peça de manobra é considerada como um fato excepcional, devendo ser motivo de um detalhado estudo de situação e mantida por curtos períodos de tempo.

Já como limitações para a execução de suas missões, o CI 17-1/1 considera os seguintes fatores:

- a) Vulnerabilidade aos ataques aéreos, às minas terrestres e às armas AC;
- b) Terrenos pedregosos, pantanosos e cobertos; e
- c) Grande necessidade de suprimento classe III (combustíveis e lubrificantes) e IX (material de motomecanização), bem como necessidade de manutenção constante de viaturas. (BRASIL, 2002, p. 1-4/1-5)

Além dessas premissas, o manual EB-70-MC10.355 Forças-Tarefas Blindadas expõe que podem ser designadas as seguintes missões ao Pel Exp em proveito a uma FT U Bld:

- a) Reconhecer e levantar dados sobre itinerários de progressão, zonas de reunião (Z Reu), bases de fogos, regiões de passagem sobre cursos de água, obstáculos, posições de retardamento (P Rtrd), posições de ataque (P Atq) e outras áreas e regiões de interesse para o deslocamento e a manobra da FT Bld e para o inimigo;
- b) Proporcionar segurança nos flancos, na frente e na retaguarda da FT Bld;
- c) Estabelecer e manter pontos de ligação, postos de observação e monitorar regiões de interesse para a inteligência (RIPI);
- d) Realizar patrulhas em proveito das seções de inteligência e de operações, podendo infiltrar-se no dispositivo inimigo ou área sob seu controle, embarcado ou a pé, a fim de colher dados sobre este e o terreno;
- e) Conduzir fogos da FT Bld; e
- f) Realizar escoltas de comboio, balizar itinerários de deslocamento e controlar o trânsito na Z Aç da FT Bld. (BRASIL, 2020, p. 2-11)

Portanto, o Pel Exp atua de modo geral a colher os dados necessários sobre o terreno e o inimigo na zona de ação (Z Ac) e na zona de interesse da FT. Na busca de dados sobre o inimigo, procura determinar a sua natureza, a composição, a localização e o dispositivo, levantando os dados necessários ao planejamento e atualização do comandante tático durante as operações da FT e, assim, evitando o emprego prematuro das peças de manobra no combate.

2.2 AS INSTRUÇÕES DE QUALIFICAÇÃO PREVISTAS PARA O PELOTÃO DE EXPLORADORES

Ainda fazendo referência as características, possibilidades e limitações dos Pelotões de Exploradores não há como deixar de citar sobre a instrução a que são submetidos os cabos e soldados pertencentes a esta fração nos corpos de tropa. Com isso, foi estudado neste capítulo o documento que auxilia e baliza os instrutores na formação dos militares deste pelotão.

O PROGRAMA-PADRÃO DE INSTRUÇÃO QUALIFICAÇÃO DO CABO E DO SOLDADO DE CAVALARIA (PPQ 02/2) têm por finalidade regular a Fase de Instrução Individual de Qualificação - Instrução Peculiar (FIIQ-IP) e definir objetivos que permitam qualificar o combatente, isto é, o cabo e o soldado de cavalaria, aptos a ocupar cargos correspondentes às suas funções nas diversas Organizações Militares, passando-os à condição de Reservista de Primeira Categoria (Combatente Mobilizável). (BRASIL, pag 7, 2001)

Pode-se destacar os seguintes objetivos definidos neste Programa-Padrão: Qualificar o Combatente; Formar o Cabo e o Soldado, habilitando-os a ocupar cargos previstos para uma determinada QMP de uma QMG na U/SU; Continuar a aquisição de conhecimentos necessários à formação do militar e ao desempenho de funções e cargos específicos das QMG/QMP; Desenvolver habilitações técnicas que correspondem aos conhecimentos e as habilidades indispensáveis ao manuseio de materiais bélicos e a operações de equipamentos militares; e, capacitar o soldado para ser empregado na Defesa Externa. (BRASIL, pag 7, 2001)

Desta forma, é válido apresentar e analisar as instruções previstas para os elementos dos Pelotões de Exploradores constantes no PPQ 02/2 e que influenciam diretamente no tema do presente trabalho.

3.2.1 Proposta de distribuição de tempo prevista no PPQ 02/2.

 2. QUADRO DE DISTRIBUIÇÃO DE TEMPO DESTINADO À INSTRUÇÃO PECULIAR POR GRUPAMENTO DE INSTRUÇÃO 					
QMG	QMP	GRUPAMENTOS DE INSTRUÇÃO	Nr	MATÉRIAS PECULIARES	Horas
02	01	Explorador	11	Manutenção do material	32
			12	Comunicações	10
			15	Direção de Trânsito	04
			18	Escola da Guarnição/Expl	20
			21	O Explorador e a Patrulha	20
			22	Explosivos e Destruições	05
			29	Maneabilidade/Expl	16
			31	Minas e Armadilhas	04
			33	Observação	05
			37	Reconhecimento e Segurança	16
			38	Técnica do Material/AAC	08
			39	Técnica do Material/Metralhadora	10
			41	Técnica de Tiro/AAC	08
			42	Técnica de Tiro/Metralhadora	10
SOMA				168	

Figura 4 – Quadro de Distribuição de Tempo destinado à instrução peculiar de Explorador.
Fonte: BRASIL (2002).

A seguir são apresentadas algumas instruções atinentes ao assunto em pauta previstas no PPQ 02/2.

a. O Explorador e a patrulha

21. O EXPLORADOR E A PATRULHA				TEMPO ESTIMADO DIURNO: 20h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)				ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
	TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Q-401 (AC)	Reconhecer a importância do informe.	O instrutor ressaltará com casos a importância do informe para as operações militares.	O militar deverá citar uma situação em que o informe militar será fundamental.	<ul style="list-style-type: none"> - Citar o papel do explorador na busca de informe. - Demonstrar aptidão para o cumprimento da tarefa constante do OII. 	1. Importância do informe; papel do explorador na busca do informe.
Q-402 (AC)	Descrever a conduta no interrogatório.	O instrutor deverá explicar o processo de interrogatório, em combate, de civis e militares.	Durante a execução da tarefa, o militar deverá empregar, corretamente, as técnicas de interrogatório.	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever a conduta do explorador no interrogatório de habitantes. - Demonstrar aptidão para o cumprimento da tarefa constante do OII. 	2. Técnicas de interrogatório.
Q-403 (AC/TA)	Reconhecer itinerários, pontes, bosques e casario.	O instrutor deverá compor duplas de militares e fornecer o esboço da região a percorrer (em torno de 6 (seis) Km de extensão).	Durante a execução da tarefa o militar deverá comparar o esboço com o terreno e reconhecer os pontos assinalados no mesmo, amarrando o itinerário antes da partida.	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever a conduta do explorador ou grupo de exploradores no reconhecimento de itinerários. - Reconhecer pontos nítidos ao longo do percurso. - Utilizar as medidas de coordenação e controle do movimento. - Descrever a conduta do explorador ou GE no reconhecimento de bosques, localidades e casario. - Identificar as diferenças no reconhecimento de áreas bosques, localidades ou casario. - Demonstrar aptidão para o cumprimento da tarefa constante do OII. 	3. Conduta do explorador, ou grupo de exploradores na missão de reconhecimento de itinerário, bosques, localidades ou casario.

55.00

Figura 5 – Instruções Explorador e a Patrulha.
Fonte: BRASIL (2002).

21. O EXPLORADOR E A PATRULHA				TEMPO ESTIMADO DIURNO: 20h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)				ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
	TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Q-404 (TA)	Observar e informar a presença de inimigo.	O instrutor deverá preparar vestígios que simulem a presença, proximidade ou passagem do inimigo.	O militar deverá, observando os indícios, interpretar as ações inimigas.	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever os cuidados a serem observados na interpretação de indícios deixados pelo inimigo. - Demonstrar aptidão para o cumprimento da tarefa constante do OII. 	4. Interpretação de indícios deixados pelo inimigo.
Q-405 (TA)	Integrar uma Patrulha de Reconhecimento.	O instrutor deverá organizar uma patrulha-escola, em terreno variado, durante o dia, composta por soldados de um mesmo GE e ao comando de um graduado, com a missão de realizar um reconhecimento de área à distância aproximada de 03 Km. Na área a ser reconhecida, deverá existir pequena figuração, simulando uma determinada atividade.	Os militares deverão, ao final do cumprimento da missão da patrulha, estar em condições de citar as finalidades, principais missões, tipos e procedimentos padrões na execução de uma patrulha de reconhecimento.	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever a importância das patrulhas. - Distinguir de Patrulhas de Reconhecimento e Combate. - Citar as missões de Patrulhas de Reconhecimento e Combate. - Descrever a composição das Patrulhas de Reconhecimento e de Combate. - Identificar o equipamento utilizado nas Patrulhas de Reconhecimento e de Combate. - Descrever as ações das patrulhas no ponto de reunião inicial e nos pontos de reunião estabelecidos no percurso da patrulha. - Descrever as medidas de coordenação e controle utilizadas pelas Patrulhas durante os deslocamentos. - Descrever a conduta da Patrulha quando atacada, ou em caso de perda de ligação com sua unidade. - Demonstrar aptidão para o cumprimento da tarefa constante do OII. 	5. Patrulhas <ol style="list-style-type: none"> Importância das patrulhas. Patrulhas de Reconhecimento e de Combate: <ol style="list-style-type: none"> conceito; missões; composição e equipamento de uma Patrulha; ponto de reunião inicial para a partida e pontos de reunião estabelecidos no percurso da patrulha; articulação da Patrulha, controle durante o deslocamento, ligação pela vista entre os elementos da patrulha; e ação da Patrulha quando atacada, ou em caso de perda de ligação com sua unidade.

56.00

Figura 6 – Instruções Explorador e a Patrulha.
Fonte: BRASIL (2002).

b. Maneabilidade/ Exploradores

28. MANEABILIDADE/EXPLORADORES				TEMPO ESTIMADO DIURNO: 16h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)				ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
	TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Q-405 (AC)	Identificar e designar alvos e atividades inimigas para o Cmt patrulha/grupo (desembarcado).	O instrutor deverá compor com os militares grupos ou patrulhas de exploradores. Os GE deverão realizar um deslocamento, a comando dos seus respectivos Cmt de Grupo, em um terreno variado, devidamente balizado, de aproximadamente 500 metros, onde deverão ser simulados cinco incidentes com atividades inimigas.	Cada militar integrante do GE deverá identificar, no mínimo, três incidentes.	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever os mecanismos de observação. - Demonstrar aptidão para o cumprimento da tarefa constante do OII. 	5. Observação e controle do GE desembarcado.
Q-406 (AC/ HT)	Identificar e designar alvos e atividades inimigas para o Cmt patrulha/grupo (embarcado).	Um GE embarcado em uma viatura deslocar-se-á em um terreno ao longo de um itinerário, onde devem ser simulados sete incidentes representando atividades inimigas.	Cada integrante do GE deverá identificar no mínimo quatro incidentes.	<ul style="list-style-type: none"> - Descrever os processos adotados para a observação do GE. - Citar os elementos do GE que devem realizar a observação, quando embarcados. - Identificar os setores de observação de cada elemento. - Demonstrar aptidão para o cumprimento da tarefa constante do OII. 	6. Observação do GE.

71.00

Figura 7 – Extrato Instruções de Maneabilidade/Exploradores.

Fonte: BRASIL (2002).

c. Observação

32. OBSERVAÇÃO				TEMPO ESTIMADO DIURNO: 05h	
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)				ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO	
	TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS
Q-401 (TE)	Instalar e operar um posto de observação e(ou) escuta.	O instrutor deverá mobiliar, com militares, cinco Postos de Observação devidamente preparados e camuflados em um terreno movimentado e que possibilite a observação ampla. À noite, deverá transformar os PO em PE e simular novos incidentes.	Os militares deverão expor, com clareza e correção, como instalar e operar um PO ou PE.	<ul style="list-style-type: none"> - Citar a finalidade da observação. - Descrever os tipos de observação. - Descrever os processos de observação. - Citar a missão do observador. - Citar as características de um Posto de Observação e de um Posto de Escuta. - Descrever a importância da observação. - Descrever as características de um local adequado à instalação de um PO. - Descrever a organização de um PO. - Descrever o funcionamento de um PO. - Demonstrar aptidão para o cumprimento da tarefa constante do OII. 	<ol style="list-style-type: none"> 1. Generalidades <ol style="list-style-type: none"> a. Finalidade. b. Tipos. c. Processos de observação. 2. O observador. 3. Postos de observação e Postos de Escuta. 4. Importância da observação. 5. Instalação de um PO e de um Posto de escuta. 6. Organização de um Posto de Observação e de um Posto de escuta. 7. Funcionamento de um Posto de Observação e de um Posto de Escuta.
Q-402 (AC)	Realizar e registrar a observação.	Cada militar deverá observar durante vinte minutos, fazendo uso dos diversos instrumentos de observação e da documentação de um PO. Deverão surgir à frente dos PO, em pontos nitidos do terreno e a diferentes distâncias, cinco incidentes; movimento de tropas, movimento de viaturas através estradas, e através campo, tiros de armas leves, fumaça.	Cada militar deverá observar, no mínimo, três incidentes, realizando os registros fidedignos nos espaços próprios da folha de observação.	<ul style="list-style-type: none"> - Identificar os espaços a serem preenchidos na folha de observação. - Demonstrar aptidão para o cumprimento da tarefa constante do OII. 	<ol style="list-style-type: none"> 8. Registro das informações. 9. Preenchimento da folha de observação.

81.00

Figura 8 – Instruções de Observação.

Fonte: BRASIL (2002).

d. Reconhecimento e Segurança

35. RECONHECIMENTO E SEGURANÇA			TEMPO ESTIMADO DIURNO: 16h		
OBJETIVOS INDIVIDUAIS DE INSTRUÇÃO (OII)			ORIENTAÇÃO PARA INTERPRETAÇÃO		
TAREFA	CONDIÇÃO	PADRÃO MÍNIMO	SUGESTÕES PARA OBJETIVOS INTERMEDIÁRIOS	ASSUNTOS	
Q-403 (AC)	Reconhecer os objetivos e fundamentos das operações de segurança.	Apresentados, ao militar, um terreno reduzido ou caixa de areia e uma ordem de operações hipotética, o instrutor salientará os fundamentos das operações de segurança.	O militar deverá identificar, pelo menos três fundamentos das operações de segurança.		
Q-404 (AC)	Reconhecer as medidas de coordenação e controle.	Apresentados, ao militar, um caixa de areia, miniaturas e material para caracterizar as medidas de coordenação e controle.	Durante a execução da tarefa os militares deverão: - identificar a localização das medidas de coordenação e controle; e - transmitir e(ou) agir de acordo com o estipulado para aquela medida.	<ul style="list-style-type: none"> - Definir segurança. - Descrever os fundamentos das operações de segurança. - Citar as medidas de coordenação e controle ao movimento, ao fogo e à informação. - Diferenciar os graus de segurança. - Reconhecer os tipos de operações de segurança. - Identificar as missões dos exploradores nas missões de vigilância. - Demonstrar aptidão para o cumprimento das tarefas constantes dos OII. 	<ul style="list-style-type: none"> 11. Definição. 12. Fundamentos das operações de segurança <ul style="list-style-type: none"> a. Alertar com tempo e com precisão. b. Garantir espaço para manobrar. c. Orientar-se, segundo a localização ou movimento da tropa a quem proporciona segurança. d. Executar contínuo reconhecimento. 13. Medidas de coordenação e Controle <ul style="list-style-type: none"> a. movimento. b. fogo. c. informação. 14. Formas de emprego <ul style="list-style-type: none"> a. graus de segurança. b. operações de vigilância.
Q-405 (AC)	Reconhecer as formas de emprego dos exploradores nas missões de vigilância.	Apresentadas, ao militar, um caixa de areia, miniaturas e uma ordem de operações fictícia.	Os militares deverão: - diferenciar os graus de segurança; - reconhecer os tipos de vigilância; e - identificar as missões dos exploradores na consecução das operações de vigilância.		

90.00

Figura 9 – Instruções de Reconhecimento e Segurança.
Fonte: BRASIL (2002).

Ainda de acordo com o PPQ 02/2, cabe ressaltar que o Comandante, Chefe ou Diretor da OM poderá, em função dos recursos disponíveis, das características dos instruendos e de outros fatores conjunturais, pode alterar a carga horária das matérias discriminadas na distribuição sugerida. (Brasil. 2001, p. 12).

2.3 A FT U BLD NAS OPERAÇÕES DE DEFESA MÓVEL

A Defesa Móvel (Def Mv) é uma forma de manobra das operações do tipo Defesa em Posição, que se caracteriza por empregar uma combinação de ações ofensivas e defensivas, na qual o comandante utiliza um menor poder de combate à frente, na Area de Defesa Avançada (ADA), e vale-se da manobra, dos fogos e da organização do terreno para recuperar a iniciativa.

A Def Mv visa à destruição das forças inimigas e, para isso, apoia-se no emprego de forças ofensivas dotadas de elevada mobilidade e poder de choque (forças blindadas). (BRASIL, 2017b, 4-11).

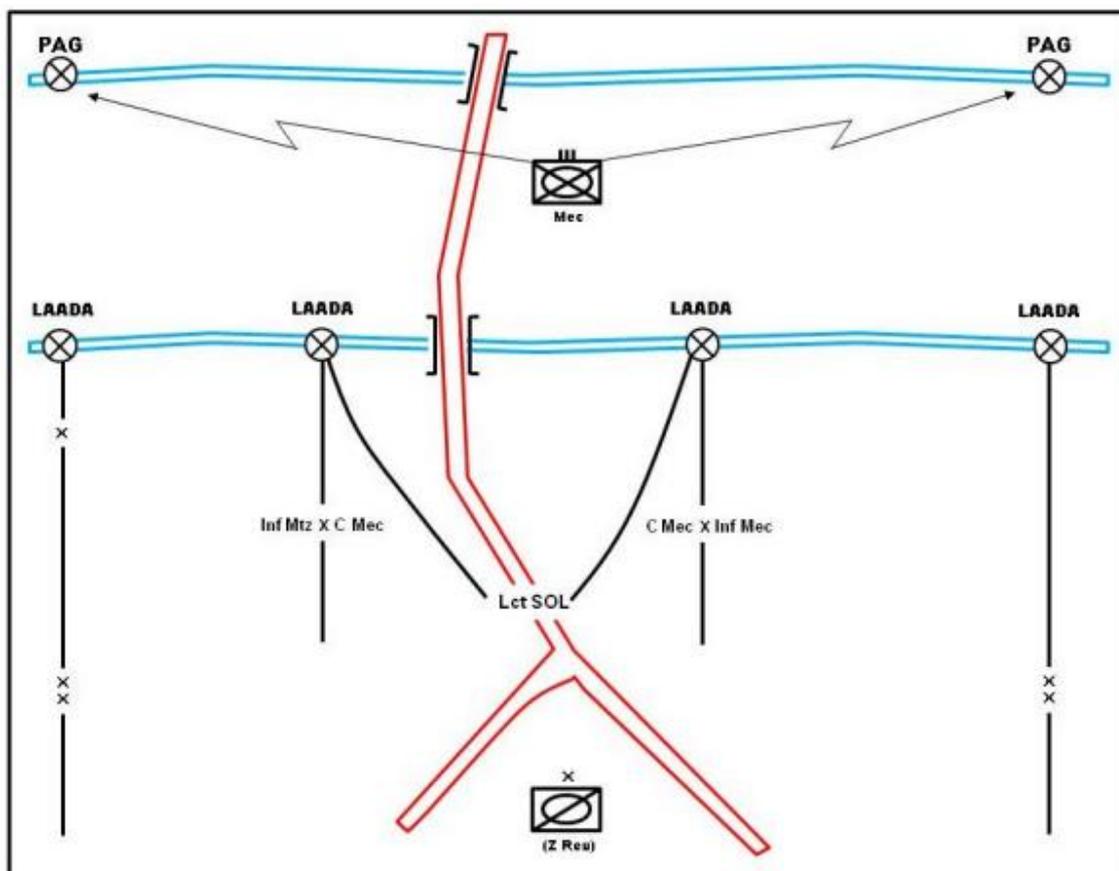


Figura 10 – Defesa Móvel
Fonte: (BRASIL, 2017b, p 4-12).

A reserva recebe maior prioridade na distribuição dos meios, sendo empregada em vigorosa ação ofensiva, para destruir o inimigo em momento e local mais oportunos.

De acordo com o manual EB70-MC-10.355 Forças-Tarefas Blindadas, as FT Bld são as mais aptas a realizar prioritariamente operações ofensivas e ações dinâmicas nas operações defensivas. Na defensiva, devem destruir ou desorganizar o ataque inimigo por meio do fogo ou de contra-ataques. O emprego de FT U Bld, em ações não decisivas, não aproveita a totalidade de suas características, pode comprometer o andamento futuro das operações e, dependendo da missão atribuída, obter resultados restritos em decorrência de limitações de seus meios de dotação.

A FT Bld, enquadrada em uma Brigada Blindada (Bda Bld), normalmente, integra a Força de Choque (F Chq) em uma Def Mv, realizando contra-ataques. Nessa

missão, será aproveitada toda a sua potência e mobilidade em combate para destruir o inimigo.

O manual EB70-MC-10.310 BRIGADA BLINDADA, retrata as seguintes concepções em relação a F Chq:

[...]F Chq deverá estar preparada para participar do contra-ataque, particularmente, na área definida, que geralmente é denominada de Bolsão. Conforme o planejamento da manobra, poderá haver mais de um bolsão, tendo em vista a indefinição das possibilidades do inimigo. [...] Para o planejamento específico do emprego da F Chq no bolsão, é desejável que o inimigo esteja desorganizado, detido, ou tenha sua velocidade de progressão diminuída, sendo requisitos primordiais para o desencadeamento do ataque. Ainda, deve-se levar em conta que o ataque de destruição deve ser cogitado contra elementos significativos do inimigo, como tropas blindadas ou mecanizadas. (BRASIL, 2019a, 4-50/4-51)

Essa “indefinição” será solucionada, provavelmente, pelo emprego correto do Pelotão de Exploradores da FT U Bld enquadrada com F Chq. Pois, como foi abordado na Introdução, o Pel exp é um dos meios de obtenção de dados da célula de inteligência da FT U Bld e possui como uma de suas principais atribuições a atualização constante de dados sobre o inimigo e sua oportuna difusão para o escalão superior. Neste contexto, o manual EB70-MC-10.310 BRIGADA BLINDADA, também relata o seguinte:

O Estado Final Desejado (EFD) de uma Def Mv é, geralmente, a destruição dos meios blindados do inimigo, com isso, durante o Exm Sit do Comandante Tático, particularmente pela seção de inteligência, deverão ser esclarecidos alguns questionamentos táticos para o êxito da missão: como será medido o Poder Relativo de Combate (PRC) do inimigo a ser destruído dentro do bolsão? A perda da impulsão do ataque do inimigo atinge o EFD? Como serão controladas as perdas amigas e inimigas durante o ataque de destruição? Quais meios de inteligência poderiam ser utilizados durante o ataque de destruição para controlar o PRC do inimigo? (BRASIL, 2019a, 4-52)

Cabe ainda ressaltar que nas operações defensivas, normalmente, a tropa empenhada já possui uma grande quantidade de conhecimentos sobre o Inimigo que está atacando, pois, durante a fase de planejamento, o Cmt Tatico já teria realizado o Processo de Integração Terreno, Condições Meteorológicas, Inimigo e Considerações Civis (PITCIC). Ao se determinar as possibilidades do inimigo, teriam

sido levantadas, como hipóteses, as linhas de ação da ameaça e elaborado o calco de Apoio à Decisão, o qual identifica as áreas onde provavelmente irá ocorrer acontecimentos significativos e onde os objetivos e alvos de alto valor surgirão. Essas áreas são chamadas de Região de Interesse para a Inteligência (RIPI). (BRASIL, 2016, p. 9-22)

Sendo assim, em uma Def Mv, cresce de importância a plena e constante atualização de dados sobre o inimigo.

[...] A ação do inimigo raramente permitirá à reserva executar seu ataque exatamente como planejado. O Cmt Bda deve estar pronto para modificar, rapidamente, qualquer plano de contra ataque, baseando-se na evolução dos acontecimentos e na conduta do inimigo. (BRASIL, 2020a, p 4-90)

A partir dessas premissas e colaborando com o que já foi exposto neste trabalho, cabe ressaltar que o principal meio orgânico de obtenção de dados de uma FT U Bld é o Pelotão de Exploradores, que por suas características, possui a capacidade de ser a fonte humana dentro das FT Bld e de realizar as tarefas de Inteligência, Reconhecimento, Vigilância e Aquisição de Alvos (IRVA) e assim aumentar, de forma limitada, devido ao material que lhe é previsto, a consciência situacional do comandante tático durante a elaboração dos seus planos e ordens e constantemente atualizar as situações do inimigo principalmente durante as Operações de Defesa Móvel.

[...] Por suas características o Pel Exp é a tropa da FT mais apta para a busca de dados sobre o inimigo e o terreno. Sua organização, estrutura, treinamento e equipamentos de IRVA, desenvolvidos especificamente para as ações de reconhecimento, tornam o Pel Exp apto a preceder a FT na busca de informes sobre o inimigo e o terreno. Entretanto, o Pel Exp não dispõe da flexibilidade e capacidade de autodesengajamento da Cavalaria Mecanizada. Seu reduzido poder de combate limita sua autonomia operativa, exigindo que seja empregado sob a proteção dos fogos e ao alcance da intervenção das SU de combate da FT Bld. (BRASIL, 2020a, p. 8-3).

Ainda sobre o Fator de Decisão Inimigo no contexto de uma Op Def Mv, segundo Edmur Benites Ramos, em seu artigo sobre a 6ª Brigada de Infantaria Blindada Integrando a Força de Choque de uma Defesa Móvel (2018e), a necessidade de informações no combate, por meio da Atividade de Inteligência, será decisiva para o

sucesso de uma defesa móvel e a obtenção dessas informações dentro do princípio da oportunidade não será tarefa fácil para uma tropa que se encontra em reserva ou F Chq. Após a análise durante uma Operação neste contexto, observou-se que uma Bda Bld necessitaria ser, constantemente, alimentada da atual situação do inimigo, seja pelos elementos de primeiro escalão ou até pelos meios orgânicos (Pel Exp), com a finalidade de manter sua consciência situacional para que, quando for empregada, possa agir com rapidez, eficácia e elevado poder de fogo para atingir o estado final desejado (EFD) da devida Operação.

É nítida a importância da atuação do Pelotão de Exploradores para este tipo de operação defensiva. Contudo, não se pode deixar de relatar que para ampliar e complementar a capacidade de busca de dados do Pel Exp, as FT U Bld possuem a capacidade de empregar em Ação de Conjunto ou Reforço às Su em 1º Escalão (Esc) a Seção de Vigilância Terrestre (Seç Vig Ter), também orgânica do RCB. Essa, por sua vez, é constituída por dois Grupos de Vigilância Terrestre, que operam Radares de Vigilância Terrestre (RVT) para obter informações da área de operações em tempo real, contribuindo para a produção do conhecimento, de acordo com as NI elencadas pelo Cmt FT U Bld. Os RVT estendem a capacidade de busca de informes sobre o inimigo, rastreando, detectando, identificando e acompanhando alvos terrestres e aéreos a baixa altura em profundas faixas do terreno, tanto de dia quanto à noite. (BRASIL, 2020a, p. 8-3).

Porém, o S-2 ou o Cmt FT U Bld antes de decidirem pelo emprego desta fração devem considerar as suas limitações e vulnerabilidades, que não serão objetos de estudo deste trabalho, mas seu emprego auxiliará na conclusão perante o tema exposto.

Pode-se elencar ainda como elemento de obtenção de dados de inteligência inseridos em uma FT U Bld ou RCB: a Seç Cçd, que enquanto cumpre sua missão precípua de Ap F contra alvos críticos para a unidade, pode colaborar com o sistema de inteligência, observando, coletando e fornecendo informações detalhadas sobre o inimigo; e, ainda, todos os integrantes da FT estão inseridos na atividade de busca de dados sobre o inimigo. Para isso, todos devem conhecer os EEI estabelecidos para a operação, e todos os informes obtidos por um militar devem ser participados com rapidez e precisão ao comandante imediato. As SU, por sua vez, têm a responsabilidade de participar ao EM FT dados e conhecimentos obtidos sobre o

inimigo, a fim de contribuir para a consciência situacional do comando. (BRASIL, 2020a, p. 8-4).

Esses conceitos são importantes para o estudo em questão pois demonstram as capacidades das FT Bld na obtenção de dados sobre o inimigo no decorrer das operações.

2.4 OS PELOTÕES DE EXPLORADORES DE NAÇÕES AMIGAS

De forma sucinta serão apresentados neste capítulo a composição, algumas características e possibilidades de emprego do *Scout Platoon* (EUA) e *Sección de Exploración* (Argentina), com ênfase aos assuntos objetos de estudo deste trabalho.

2.4.1 *Scout Platoon* (Pelotão de Exploradores do Exército Americano)

O “Scout Platoon”, orgânico dos Batalhões de Infantaria Motorizados do Exército Norte-Americano, é o que mais se assemelha ao Pel Exp das unidades blindadas brasileiras. Portanto ele será a fração selecionada para fins de comparação com o Pel Exp do EB.

De acordo com USA (2019d), o “Scout Platoon” apresenta as seguintes possibilidades:

- a) Fornece em quaisquer condições meteorológicas, reconhecimento e segurança contínuos, precisos e oportunos em terrenos complexos.
- b) Realiza tarefas de reconhecimento e segurança furtivas.
- c) Avalia situações rapidamente e direciona o poder de combate, os reconhecimentos e os recursos de segurança para apoiar a busca pelos EEI.
- d) Emprega reconhecimento integrado e sincronizado para detectar fintas de ameaças, dissimulações, cobertura e ocultação.
- e) Reconhece até 02 (dois) eixos simultaneamente;
- f) Reconhece uma zona de 3 a 5 Km de frente;

g) Mobilia e opera 08 (oito) PO de curta duração (menos de 12 horas) e 03 (três) PO de longa duração (mais de 12 horas).

Já como limitações do “Scout Platoon” destaca os seguintes aspectos:

a) Limitada capacidade para conduzir operações desembarcado;

b) A distância que os “Scout Platoon” podem operar afastados das suas unidades está limitada pelo alcance de suas comunicações e pelo apoio de fogo indireto proporcionado pelo escalão superior;

c) Limitada capacidade para lançar e remover obstáculos.

d) Necessidade de apoio logístico de sua unidade de origem.

Possui a seguinte organização e composição:

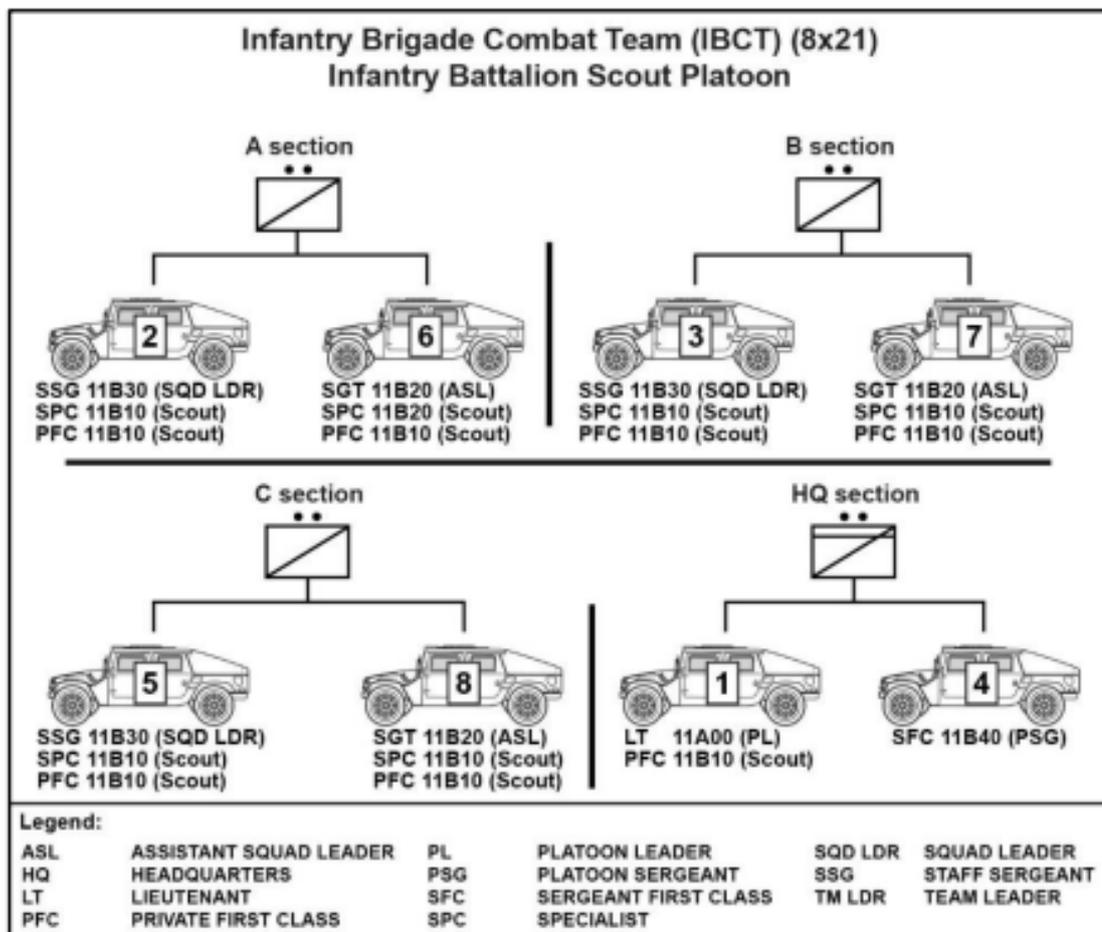


Figura 11: Composição do “Scout Platoon”

Fonte: ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA, 2019d. p. 1-28.

Ainda sobre conceitos relacionados ao “Scout Platoon” pode-se destacar o ataque de desorganização (“Spoiling Attack”), semelhante ao contra-ataque de

desorganização. Este tipo de operação não é objeto de estudo deste trabalho, porém a forma como o pelotão de exploradores do Exército Norte-Americano aborda este tipo de operação pode servir como base para inserção de um conteúdo semelhante na doutrina brasileira quando a atuação do Pel Exp em uma FT Bld como F Choq.

Segundo Rodrigo Sales Rodrigues (2009), o ataque de desorganização é um ataque de objetivo limitado, destinado a impedir, desorganizar ou atrasar a capacidade do inimigo de lançar um ataque sobre a posição defensiva. Neste tipo de manobra, o “Scout Platoon” poderá executar as seguintes missões:

a. Infiltrações à frente da linha de defesa, embarcado ou desembarcado, para estabelecer POs, monitorar RIPI (“NAI, named area of interest” – área designada de interesse), levantar o dispositivo inimigo, determinar os alvos compensadores, lançar dispositivos de vigilância, bem como levantar eixos de progressão para a força de ataque (“screen operations” – operações de vigilância) e (“ISR, intelligence, surveillance and reconnaissance” – inteligência, vigilância e reconhecimento);

b. Reconhecimento e balizamento dos ltn Prog e ltn Ret entre a Z Reu e a linha de defesa, bem como da Z Reu futura;

c. Reconhecimento e balizamento das regiões de passagem na linha de defesa, de forma a facilitar a passagem contínua da força de ataque e seu rápido desdobramento, a fim de diminuir sua vulnerabilidade;

d. Realizar operações de reconhecimento e segurança (busca e vanguarda), buscando o contato com tropas inimigas ao longo do ltn Prog, com a finalidade de proteger o deslocamento do corpo principal. Depois que o contato visual inicial com o inimigo for estabelecido, ele deve ser mantido até que o ataque se inicie.

2.4.2 *La Sección de Exploración* (Pelotão de Exploradores do Exército Argentino)

Outro exemplo de pelotão de exploradores diz respeito a *Sección de Exploración* pertencente ao Exército Argentino. Esta fração pode estar inserida tanto em um Regimento de Carros de Combate, quanto em um Regimento de Exploração. Sendo que, de modo geral, possuem as mesmas características.

Para fins de estudo deste trabalho foi dado ênfase no Pelotão de Exploradores

Argentino oriundo de um Regimento de Cavalaria de Combate, que por suas características iriam compor as FT Bld, e desta forma seriam a fração mais semelhante ao Pel Exp das tropas Bld brasileiras.

A Sección de Exploración é constituída de um grupo de comando, dois grupos de exploradores, um grupo tecnológico e um grupo de apoio, sendo que, atualmente os grupos de exploradores podem ser reforçados com sensores tecnológicos:

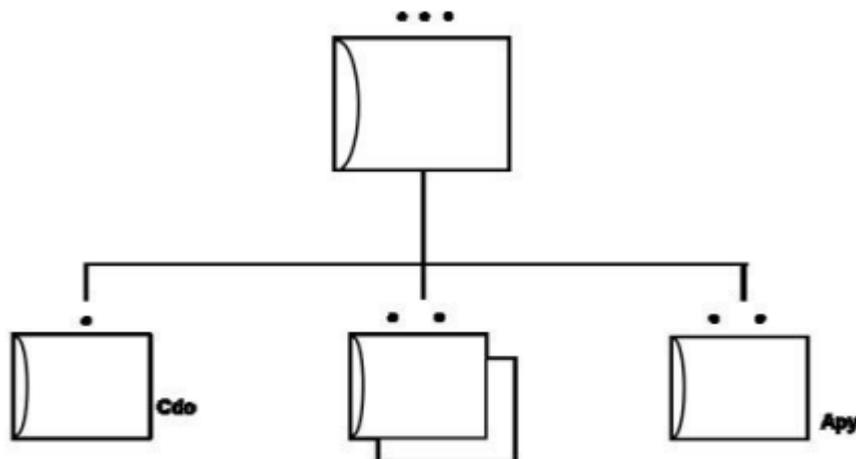


Figura 12 – Organização da Sección Exploración

Fonte: ARGENTINA, 2018a

a. Grupo de Exploração: está especialmente organizado, equipado e instruído para obter informações ao elemento de que faz parte.

b. Grupo de Apoio: está organizado, equipado e instruído para realizar a observação contínua e sistemática sobre o setor designado e, mediante ordem, facilitar a quebra de contato com os meios engajados do pelotão.

c. Frações equipadas com sensores (radares, visores de longo alcance e outros): os meios de observação e detecção de maior alcance serão empregados nos setores que permitam aproveitar o máximo de suas capacidades, normalmente áreas claras e com poucos obstáculos. Detectadas a presença de forças inimigas, manterão contato visual ou eletrônico até uma distância segura. Sendo esta condicionada pela capacidade das forças inimigas de detectar, atacar e adquirir as frações equipadas com sensores. Antes que isso ocorra, os sensores mudarão de posição.

Os radares mudarão de posição com maior frequência, por sua condição de emissões eletromagnéticas e, conseqüentemente, ser possível a sua localização a

grande distância. Efetuarão observação sobre as RIPI por períodos breves. Deve ser factível, variando a frequência de operação.

Outros sensores poderão ser empregados com o grosso de suas própria U, incluindo sensores meteorológicos e sistemas de detecção de atiradores especiais (francotiradores).

d. Frações equipadas com aeronaves não tripuladas (ANT): serão empregadas, preferencialmente, para controlar o esforço inimigo, integrado com outros meios e forças. Poderão, também, ser empregados para cobrir setores secundários, com pouca prioridade de cobertura pelas tropas de exploração ou sensores. Seu emprego deverá ser coordenado com os oficiais de ligação de Aviação do Exército e da Froça Aérea.

A utilização de sensores, em qualquer tipo de operação, proporcionam flexibilidade para economizar outros meios de exploração e podem ser empregados para observar ou vigiar áreas onde o contato com o inimigo não é provável mas possível, ou para vigiar áreas por longos períodos. São empregados para:

- 1) Extender a área de cobertura na zona de ação.
- 2) Cumprir missões de longa duração.
- 3) Orientar os outros meios de exploração.
- 4) Economizar meios humanos.
- 5) Não seja necessário a discricção no caso de emissão de sensores (radares, laser, etc.).

Mesmo assim, deverão ter em conta que durante a execução de uma exploração mediante o emprego de sensores, os seguintes aspectos:

- 1) Emprego dos radares montados nas viaturas sempre que o material de dotação permita, para facilitar a rápida mudança de posição.
- 2) A utilização dos radares deve ser realizada atendendo os critérios de emissão claramente determinados. Normalmente, varreduras de curta duração serão feitas com mudanças permanentes de frequência.
- 3) Máximo emprego das estações metereológicas portáteis e dos sensores terrestres sonoros para o alerta oportuno de caçadores.
- 4) Os operadores das aeronaves no tripuladas (ANT) de emprego neste nível

devem, aproveitando a existência de alturas e bosques, lançar as aeronaves empregando as cobertas disponíveis de maneira a dificultar ao inimigo a observação e posterior localização de seus lançadores. Os pontos de início e fim dos voos de las ANT não devem revelar a localização da própria tropa.

3. METODOLOGIA

Nesta seção será descrito como a presente pesquisa pretende solucionar o problema levantado no item 1.1. Para isso, a metodologia ora apresentada será dividida em cinco tópicos: Objeto Formal de Estudo, Delineamento de Pesquisa e Procedimentos para revisão da literatura, Instrumentos e Análise de dados.

O estudo estará limitado a realização de revisão bibliográfica, nacional e estrangeira, observação e análise. No final, haverá a generalização dos resultados e possíveis contribuições para a atualização da DMT.

3.1 Objeto formal de estudo

Esta pesquisa teve por intenção aprofundar-se nos procedimentos a serem adotados pelos Pelotões de Exploradores, orgânicos de uma Força-Tarefa Blindada do Exército Brasileiro, na obtenção de dados sobre o inimigo durante uma Operação de Defesa Móvel. Elencando as possibilidades e limitações acerca da aptidão desta fração para manter atualizado o decisor durante o estudo de situação do comandante tático.

Sobre o alcance e as limitações da pesquisa, a investigação abordou a temática no contexto de uma Força-Tarefa Blindada, orgânico de uma Brigada de Cavalaria Blindada, sendo empregado como força de choque em uma operação de Defesa Móvel, ou seja, com a missão de realizar o Contra-Ataque. Delimitando ainda, de forma mais específica, ao emprego do Pelotão de Exploradores desta Unidade na obtenção e atualização de dados sobre o inimigo durante a operação em questão.

3.2 Delineamento da pesquisa

Por tratar-se de um estudo bibliográfico, o delineamento da pesquisa se deu através da leitura exploratória e seletiva da bibliografia e do material de pesquisa.

Também foi feita uma revisão bibliográfica sobre as frações constituídas em duas nações amigas que possuem a mesma natureza dos pelotões de exploradores de tropas blindadas brasileiras, visando realizar uma análise comparativa de aplicabilidade destes pelotões nas operações defensivas.

A seleção das fontes de pesquisa foi baseada nos manuais militares, disponibilizados pelo Exército Brasileiro e pelos exércitos de nações amigas (Argentina e Estados Unidos da América) e, em trabalhos realizados anteriormente sobre o tema na rede mundial de computadores.

Esta pesquisa possui um delineamento descritivo, valendo-se do método indutivo, e utilizou, também, procedimento comparativo para avaliar o impacto do emprego do Pel Exp orgânico de uma FT Bld na obtenção de dados sobre o inimigo em uma Def Mv. Inferindo sobre a atualização e efetividade das frações e do suporte teórico nacional por meio da observação de como as frações de reconhecimento de mesma natureza dos exércitos de nações amigas são organizadas.

A abordagem foi de forma qualitativa, pois os dados explorados e obtidos da pesquisa implicaram em análises subjetivas por parte do pesquisador. Em relação ao procedimento que a pesquisa foi conduzida, tem-se como peça chave a pesquisa bibliográfica, através da leitura analítica da literatura selecionada e o condensamento das informações mais relevantes e pertinentes em relação ao assunto em pauta.

3.3 Procedimentos para revisão da literatura

Com o propósito de organizar uma sólida base teórica que permita a solução do problema de pesquisa, tomou-se como premissa a utilização de fontes de consulta de acentuada credibilidade. Embora calcado na atual Doutrina Militar Terrestre, o estudo faz uso de suporte teórico estrangeiro em fontes de procedência confiáveis.

Foram utilizadas como fontes de busca, manuais de fundamentos, de campanha e de ensino vigentes do EB; bibliografias a luz da temática Inteligência Militar, Operações Defensivas e trabalhos acadêmicos nacionais e estrangeiros. Tudo por meio do acesso ao Site da Biblioteca Digital do Exército, que traz um compilado de trabalhos de todos os Estabelecimentos de Ensino do EB; Portal EB Conhecer, que dá acesso ao Sistema Pergamum e ao Portal do Preparo da Força

Terrestre. Sobre a estratégia de busca eletrônica foram utilizados os seguintes termos: “Pelotão de Exploradores”, “Força-Tarefa Blindada”, “Inteligência Militar”, “Operações Defensivas”, “Defesa-Móvel” e “Obtenção de dados sobre o Inimigo”.

3.4 Instrumentos

Os instrumentos utilizados foram as coletas documentais no acervo nacional acerca do Pel Exp e sua aplicabilidade quanto ao emprego em operações defensivas.

A revisão da literatura nacional e internacional permitiu reunir informações sobre as frações de reconhecimento de uma FT Blindada direcionada para as Operações Defensivas. Sendo que, as informações obtidas nestes suportes teóricos serão registradas, organizadas e fichadas separadamente para posterior comparação e análise.

3.5 Análise dos Dados

Os dados obtidos pela revisão bibliográfica, após análise qualitativa e interpretação lógica, viabilizaram a ratificação dos conhecimentos que já são aplicados, retificação da forma de emprego do Pel Exp na operação mencionada e, uma possível proposta de atualização da literatura doutrinária existente.

4. RESULTADOS

Com relação as atividades elencadas neste trabalho em relação ao emprego do Pelotão de Exploradores em uma operação de Defesa Móvel, na qual esta fração se encontra inserida em uma FT U Bld responsável por executar as tarefas atinentes a F Choq, podem-se destacar três oportunidades de melhoria, conceituais e doutrinárias, que visam aperfeiçar a aplicabilidade desta fração neste tipo de operação. Sendo divididas em uma análise sobre a instrução a que são submetidos os integrantes do Pel Exp do Exército Brasileiro, o detalhamento das atividades a serem executadas pelo Pel Exp no manual FT Bld em uma defesa móvel e, também, sobre uma possível incrementação de meios optrônicos para aumentar suas capacidades operativas no que diz respeito a obtenção de dados sobre o Inimigo.

4.1 Instrução

Primeiramente, o PPQ 02/2 orienta que sejam ministradas 41 (quarenta e uma) horas de instrução para os atingir os objetivos específicos de cada uma das matérias peculiares evidenciadas na Figura 4, no capítulo 2. Dentro dessas matérias, o tempo destinado a instrução específica ao assunto abordado neste trabalho é relativamente curto em favor das demais.

Fica evidente, por exemplo, na matéria “O Explorador e a Patrulha” (Figura 5 e 6), que para as 20 (vinte) horas recomendadas pelo PPQ 02/2 para atingir os objetivos propostos, há de ser dividido entre várias tarefas, além das grifadas por este autor.

Ante o exposto, é notório a falta de tempo hábil para a qualificação do assunto nos corpos de tropa. Além disso, normalmente não se dá a devida atenção ao conhecimento e análise de atuações do inimigo com elementos chave dos Pelotões de Exploradores, sendo somente abordado de forma sucinta dentro da matéria “Maneabilidade/Exploradores, conforme a Figura 7.

Quanto a matéria “Observação”, o tempo estimado de duração para atingir os objetivos é de 5 horas, ou seja, praticamente meio expediente de instrução. Valendo-se que a parte prática se reduz a 20 minutos de execução para realizar e registrar uma observação, conforme exposto na Figura 8.

Convém ainda relatar que a prática dessa instrução se detém em “como” observar e “como” registrar uma informação e, com menor relevância em destacar “o que” observar e, principalmente, quais detalhes sobre a observação devem ser repassados ao escalão imediatamente acima durante qualquer tipo de operação. Sendo essa uma das principais atividades a que se submetem os integrantes do Pel Exp quando estão ocupando um PO para monitorar uma RIPI.

Mesmo fazendo parte das ações em Operações Complementares, as instruções relativas a Vigilância se mesclam em parte com a Observação, pois a ação de vigilância consiste na observação sistemática e contínua de amplas frentes, longos eixos ou locais específicos. Ela é exercida pelo estabelecimento de PO, de escuta e patrulhas, normalmente a cargo do Pel Exp, podendo a missão ser estendida a parte das SU Bld, de acordo com os fatores da decisão (BRASIL, 2020a, p. 6-3). Por esse motivo, a atuação do Pel Exp nessa operação complementar foi tratada como parte de estudo neste trabalho, tanto na exposição de como são inseridas no PPQ-02 (Figura 9) dentro da matéria “Reconhecimento e Segurança”, quanto no Caderno de Instrução 17-1/1 Pelotão de Exploradores em seu capítulo 3, Item 3-10, O Pel Exp nas Missões de Vigilância.

4.2 Manual EB 70-MC-10.355, a FT U Bld como F Choq

O manual EB70-MC-10.355 Forças-Tarefas Blindadas, em seu item 4.3.6.1.5, discorre em praticamente uma página sobre a atuação da FT Bld como F Choq, explicando sucintamente sobre o planejamento, o reconhecimento, a localização e sua devida execução. Não aferindo detalhes de missões específicas a serem desempenhadas pelos elementos de manobra, que são essenciais para o cumprimento dessa operação. Cabendo ao Comandante da FT Bld designar as prioridades e atribuir essas missões.

Quanto aos contra-ataques, a referida literatura relata que sua execução depende de ordem do Esc Sup (DE) e normalmente é executado quando o inimigo, canalizado pelos elementos de retardamento, atinge uma posição preestabelecida de onde é detido pela ação da F Fix, antes que possa ser reforçado por sua reserva para ganhar impulsão e prosseguir. Nesse contexto, porém, surgem algumas dúvidas e

brechas que já poderiam ser definidas previamente, como exemplo: Qual elemento de manobra irá manter as atualizações sobre as condições do Inimigo no interior do bolsão? Qual dos elementos de manobra seria utilizado para monitorar a RIPI da provável utilização da reserva inimiga após o retraimento das F Fix? Qual elemento de manobra realizará a condução de fogos indiretos no interior do bolsão? São alguns questionamentos que devem ser avaliados pelo Cmt da Operação e que já poderiam estar inseridos nas literaturas sobre o assunto.

Algumas atribuições são inerentes ao Pelotões de Exploradores que compõe a FT U Bld como F Chq e que estão subentendidos no manual da FT Bld quanto a execução de contra-ataques. Como exemplo, o balizamento para as ações de ultrapassagem da tropa que está empregada como F Fix, ação primordial para a plena execução do contra-ataque, e o balizamento dos itinerários de progressão que conduzem as Sub-unidades para as posições de ataque da referida FT, a fim de executar um correto aproveitamento do terreno, aumentando a impulsão do ataque frente o inimigo no interior do bolsão.

Outro exemplo a ser desenvolvido pelo Pel Exp neste tipo de operação, que responde a um dos questionamentos acima, refere-se ao auxílio no controle e condução dos fogos indiretos no interior do bolsão, do qual a FT como F Choq deve receber prioridade no momento em que realiza o contra-ataque, dando especial atenção a possibilidade de fratricídio durante a execução deste tipo de operação.

Outrossim, diz respeito ao Caderno de Instrução 17-1/1 Pelotão de Exploradores que não aborda as atribuições desta fração quando inserido no contexto das operações de defesa móvel, ou mesmo, durante a execução de um contra-ataque. Assim como, pode-se observar no manual americano do Scout Platoon, quando se refere as missões dessa fração em um ataque de desorganização exposto no item 2.4.1 da revisão da literatura.

4.3 Materiais e equipamentos

Quantos aos meios disponíveis pode-se observar uma clara deficiência quando analisamos a dotação prevista pelo Caderno de Instrução C 17-1 Pelotão de Exploradores (Figura 2). Principalmente no que tange aos meios de observação

previstos, do qual consta apenas um “binóculo de visão noturna” para as primeiras patrulhas do Grupos de exploradores.

É válido ressaltar que há uma crescente evolução nos meios de observação e de monitoramento no âmbito Exército Brasileiro, especialmente nas unidades que integram o Sistema de Monitoramento de Fronteiras (SISFRON).

O incremento das capacidades de monitoramento do projeto SISFRON, com a aquisição de materiais, tais como o Binóculo Coral de Visão Termal, o Radar de Vigilância Terrestre (RVT) e o Sistema de Aeronaves Remotamente Pilotadas (SARP), possibilitam a plena execução da fiscalização na faixa de fronteira ao mesmo tempo que começam a preencher lacunas de frações da Força Terrestre que existiam apenas nos manuais (Seção de Vigilância Terrestre).

Não há como deixar de relacionar essas capacidades com o tema exposto neste trabalho. Pois, sua correta aplicação aumenta consideravelmente a capacidade de atualizar de forma constante os dados do inimigo em qualquer tipo de operação.

Essa mescla de materiais estão nítidas no Pel Exp do Exército Argentino (Sección de Exploración), no item 2.4.2 da Revisão da Literatura deste trabalho, o qual recentemente atualizou a constituição desta fração, inserindo na sua composição um “Grupo Tecnológico”, com sensores e aeronaves não-tripuladas. As ações deste grupo, além de evitar a exposição desnecessária de recursos humanos para vigiar e observar largas frentes, aumenta a capacidade e a precisão das informações durante a execução das operações.

Na doutrina do Exército Brasileiro essas capacidades estão inseridas junto ao Comando da FT Bld por meio da Seção de Vigilância Terrestre, que segundo o manual EB70-MC-10.355, serve para ampliar e complementar a capacidade de busca do Pel Exp. De acordo com o mesmo manual, o emprego dos seus grupos Vig Ter é centralizado, sob o controle direto do S-2, ou, descentralizado, para que fiquem sob controle das FT SU/SU nas suas respectivas zonas de ação (Z Aç). Ou seja, na situação exposta neste trabalho, FT Bld como F Choq, provavelmente a Seç Vig Ter estaria empregada de forma centralizada, aumentando de forma substancial as ordens aos elementos subordinados e também as possíveis medidas de coordenações e controle durante a execução da referida operação.

5. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Com relação as instruções previstas no PPQ 02/2, deve-se salientar a falta de conhecimentos específicos em relação a uma das tarefas primordiais a ser executada pelo Pel Exp nas ações defensivas, o monitoramento de RIPI. Sendo notória a defasagem dos assuntos: “21. O EXPLORADOR E A PATRULHA”, “29. MANEABILIDADE/EXPLORADORES”, “32. OBSERVAÇÃO” e “35. RECONHECIMENTO E SEGURANÇA”, pois essas matérias elucidam apenas conhecimentos básicos para cumprir tal tarefa. Visto que deveriam complementar ainda uma gama de conhecimentos necessários para que o pelotão consiga atingir o seu objetivo.

Este fator impõe a uma possibilidade de aprimoramento do referido Programa-Padrão, proporcionando mais tempo para executar as tarefas das matérias expostas na revisão da literatura, bem como incluir como objetivos intermediários ou assuntos: a Identificação de blindados, estudo do inimigo, rastreamento e contra-rastreamento, conceito de RIPI, Monitoramento de RIPI. Tudo com o objetivo de melhor atingir os padrões mínimos de execução para que todos os integrantes do Pel Exp possam cumprir com as suas missões de vigiar uma frente de até 3 (três) Km e mobiliar e operar até 03 (três) Postos de Observação (PO), expostas no item 2.1 deste trabalho.

No que se refere aos manuais, é evidente que o manual da FT Bld necessita de uma importante atualização no que tange a atuação do Pel Exp em uma operação de Def Mv, especificamente quando atuando em uma FT Bld como F Choq. De forma geral, as ações a serem desenvolvidas pelo Pel Exp estão expostas nessa literatura, constantes no capítulo 2 deste trabalho, cabendo ao Cmt FT Bld a emissão de ordens e definições do que e como fazer na operação em questão. Porém, devido a importância da atuação do Pel Exp neste tipo de operação, as ações desta fração poderiam estar explícitas dentro de cada uma das fases a serem desenvolvidas pela F Choq, com o objetivo de facilitar o planejamento do Cmt FT Bld, bem como orientar o Cmt Pel de Exploradores a desenvolver as capacidades a serem exercidas pelos seus subordinados durante a execução deste tipo de operação.

Desta forma, após a análise de suas atribuições neste tipo de operação e com a finalidade de colaborar com o aperfeiçoamento da doutrina de emprego, pode-se inferir que o Pel Exp irá cumprir as seguintes missões em uma operação de Defesa

Móvel:

- a. Reconhecer e balizar itinerários de progressão a serem utilizados pela FT Bld para as ações de ultrapassagem da F Fix e para as posições de ataque;
- b. Estabelecer ligações com elementos da F Fix que retraírem para as posições à retaguarda;
- c. Infiltrar, embarcado ou desembarcado, na Z Aç da F Fix e ocupar os PO para monitorar as RIPI e manter informado o Cmt FT Bld sobre as condições do Ini no interior do bolsão e da sua Reserva;
- d. Conduzir os fogos indiretos no interior do bolsão, antes da execução do contra-ataque propriamente dito; e
- e. Manter o escalão superior informado sobre o Poder Relativo de Combate (PRC) do Inimigo no interior do bolsão e sobre as ações da reserva inimiga.

Em relação ao Caderno de Instrução 17-1/1 Pelotão de Exploradores, é evidente a necessidade de sua atualização. Tanto no que se refere ao detalhamento das possibilidades, capacidades e limitações desta fração nas operações básicas, quanto a exposição das características da possibilidade de emprego agregando capacidades tecnológicas.

É válido ressaltar que o manual EB70-MC-10.355 Forças-Tarefas Blindadas foi recentemente atualizado (2020 - 4ª Edição) e que, normalmente, os Pel Exp atuam em favor de uma FT Bld, logo uma sugestão para a atualização do Caderno de Instrução 17-1/1 Pelotão de Exploradores seria utilizar o manual da FT Bld como base para analisar e definir suas possibilidades e limitações de emprego nos diversos tipos de operações.

Quando se refere a capacidade da FT Bld no tocante ao emprego da Seç Vig Ter, deve-se considerar uma possibilidade de atualização doutrinária para as ações na operação em questão. Pois, valendo-se que o Pel Exp teria como uma de suas responsabilidades a atualização constante da situação do Ini seria coerente agregar capacidades de monitoramento para esta fração, reforçando-o com um Gp Vig Ter.

No momento em que o Pel Exp está monitorando RIPI, a princípio, não haverá sobregarga de outras missões a serem cumpridas e não se negligenciará a flexibilidade e mobilidade do pelotão face ao “tipo” de missão que está executando. Assim, a capacidade de monitoramento deste pelotão, pode aumentar tanto na observação do inimigo no interior do bolsão, quanto para o monitoramento das ações da reserva. Consequentemente, de forma sutil, diminuiriam algumas medidas de

coordenação e controle frente a atuação do contra-ataque, do qual o Cmt FT Bld concentraria seus esforços.

Ainda sobre agregar tecnologias, verificou-se de forma sucinta a necessidade da renovação do material para observação e/ou detecção do inimigo a ser empregado pelo Pel Exp durante o monitoramento de RIPI, como forma de aumentar sua aptidão para o monitoramento e, assim, fomentar a capacidade operativa dessa tropa. Como exemplo, o incremento do Binóculo de Imagem Termal Coral-CR para cada Grupo de Exploradores do Pelotão.

6. CONCLUSÃO

Baseado nas premissas que foram estudadas e apresentadas, além dos objetivos elencados na introdução deste trabalho, conclui-se que os conhecimentos acerca da atuação dos Pelotões de Exploradores são amplos e merecem destaque no que tange a atualização doutrinária face ao emprego desta fração em consoante com as necessidades exigidas na atualização de dados do inimigo em uma Operação de Defesa Móvel.

A revisão da literatura possibilitou descrever as características, possibilidades e limitações dos Pel Exp e evidenciar a base das instruções atualmente ministradas nos corpos de tropa para os elementos do referido pelotão. Possibilitou, também, descrever os conceitos de Defesa Móvel e a aplicação do Pel Exp neste tipo de operação, além de realizar uma breve análise das frações de nações amigas (Scout Platoon e Sección de Exploración) que auxiliaram na construção de idéias para solucionar as lacunas existentes para a aplicação dessa tropa na operação em questão.

A partir da análise dos resultados e suas discussões, pode-se inferir que no contexto dos combates atuais não há como deixar de mesclar a capacidade de meios tecnológicos com a fonte humana. A inserção de tecnologia possibilita mais precisão e agilidade na obtenção de informações e o engajamento decisivo passa a ser mais facilmente evitado, bem como, fornece a tropa menos desgaste para as ações de longa duração.

Porém, a partir da premissa que os recursos humanos devem ser prioridade na força terrestre, o aprimoramento de suas capacitações se torna cada dia mais necessário. Sendo uma das vertentes deste trabalho a sugestão de atualizar e complementar o PPQ 02/2, no que se refere as instruções a serem dedicadas aos elementos do Pelotão de Exploradores. Acrescentando, principalmente, os assuntos “monitoramento de RIPI” e “Identificação de Blindados” na grade de matérias a serem ministradas aos elementos desta fração.

Além disso, em consonante com o exposto acima, vale ressaltar a necessidade de especificação das atividades a serem executadas pelo Pel Exp em uma operação de Def Mv. Que, de acordo com o que foi abordado no capítulo 5, são ações importantes que visam não somente a obtenção de dados do inimigo, mas também

servem para facilitar o entendimento das demais frações envolvidadas na referida operação e orientar os esforços de instrução ao Pelotão.

Conclui-se então que é necessária uma atualização das literaturas existentes, principalmente no que diz respeito ao Caderno de Instrução 17-1/1 Pelotão de Exploradores, bem como uma análise aprofundada em relação as matérias exploradas no PPQ 02/2 no que tange a aplicação do Pel Exp no monitoramento de RIPI. Além disso, vislumbra-se a necessidade de aprofundar o estudo sobre a inserção de meios tecnológicos na constituição desta fração para aumentar suas capacidades operativas e diminuir suas limitações na obtenção de dados do Inimigo em uma Defesa Móvel.

REFERÊNCIAS

ARGENTINA. Ejército Argentino. Dirección General de Organización y Doctrina. **ROP-00-15**: La Sección Exploración. Buenos Aires, 2018a.

ARGENTINA. Ejército Argentino. Dirección General de Organización y Doctrina. **ROP-02-05**: Escuadrón de Caballería de Exploración. Buenos Aires, 2018b.

BRASIL. EXÉRCITO. COTER. **CI 17-1**: Pelotão de Exploradores. 1. ed. Brasília, DF, 2002.

BRASIL. Exército. COTER. **EB70-MC-10.207**: Inteligência. 1. Ed. Brasília, DF, 2015a.

BRASIL. Exército. COTER. **EB70-MC-10.307**: Planejamento e Emprego da Inteligência Militar. 1. Ed. Brasília, DF, 2016.

BRASIL. Exército. COTER. **EB70-MC-10.222**: A cavalaria nas operações. Brasília, DF, 2018c.

BRASIL. Exército. COTER. **EB70-MC-10.223**: Operações. 5. ed. Brasília, DF, 2017a.

BRASIL. Exército. COTER. **EB70-MC-10.202**: Operações Ofensivas e Defensivas. 1. ed. Brasília, DF, 2017b.

BRASIL. Exército. COTER. **EB70-MC-10.310**: Brigada Blindada. 1. ed. Brasília, DF, 2019a.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **EB20-MF-10.102**: Doutrina militar terrestre. 2. ed. Brasília, DF, 2019b.

BRASIL. Exército. Estado-Maior. **EB10-P-01-007**: Plano estratégico do exército 2020-2023. Brasília, DF, 2019c.

BRASIL. Exército. COTER. **EB70-MC-10.355**: Forças-Tarefas Blindadas. 4. Ed. Brasília, DF, 2020a.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Livro branco de defesa nacional**. Brasília, DF, 2020b.

BRASIL. COTER. **EB70-MC-10.243** - A Divisão de exército. 3. Ed. Brasília,DF, 2020c.

BRASIL. Ministério da Defesa. **Política nacional de defesa**. Brasília, DF, 2012.

BRASIL. Ministério da Defesa. **MD33-M-02**: Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas. 4. ed. Brasília, DF, 2021.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Headquarters Department of the Army. **ATP 3-20.98** Scout Platoon. Washington, DC, 2019d.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Headquarters U.S Army Armor Center. **FM 3-20.95** Cavalry Operations. Fort Knox, KY, 2003.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Headquarters Department of the Army. **FM 3-90-2** Reconnaissance, Security, and Tactical Enabling Tasks. Volume 2. Washington, DC, 2013.

ESTADOS UNIDOS DA AMÉRICA. Headquarters Department of the Army. **FM 3- 98** Reconnaissance and Security Operations. Washington, DC. 2015b.

KEEGAN, JOHN. **Inteligência na Guerra. Conhecimento do Inimigo, de Napoleão à Al-Qaeda**. Tradução de S. Duarte, 1ª Ed. Companhia das Letras – São Paulo, SP, 2006.

SUN TZU. **A Arte da Guerra**, Tradução de José Sanz, 15ª Edição. Editora Record – Rio de Janeiro/RJ, 1994.

WOLOSZYN, ANDRÉ LUIS. **Inteligência Militar. O emprego no Exército Brasileiro e sua evolução**. Biblioteca do Exército – Rio de Janeiro, RJ, 2018d.

VIATURA MILITAR AM11 RECONHECIMENTO. EM
<<https://www.agrale.com.br/pt/utilitarios-defesa-e-seguranca/viatura-militaram11-reconhecimento-2>> Acesso em 09 de julho de 2022.

RAMOS, EDMUR B. **A 6ª Brigada de Infantaria Blindada Integrando a Força de Choque de uma Defesa Móvel**. Revista Ação de Choque, nº 16; p. 43-48, Santa Maira, RS, 2018e.

RODRIGUES, RODRIGO S. **O Emprego do Pelotão de Exploradores em um**

Contra-ataque de desorganização realizado por uma Força-Tarefa Blindada em uma Defesa de Área. Artigo científico – ESAO. Rio de Janeiro, RJ, 2009.